

JORNAL DO METALÚRGICO

45 ANOS DE LUTA

No dia 23 de julho nosso Sindicato comemora 45 anos de lutas. Não vamos fazer festa de aniversário porque estamos em plena campanha pela Correção Salarial. Não é justo que os nossos salários não acompanhem o custo de vida. Também neste mês, entre os dias 24 e 29, no Rio de Janeiro, será realizado o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias - CNTI. Estaremos lá para levar adiante as resoluções do I Encontro dos Metalúrgicos da Baixada Santista e tomar conhecimento da realidade de companheiros das várias regiões do Brasil. Vamos aproveitar também, neste número, para mostrar o que o Lula, presidente do Sindicato de São Bernardo, acha das paralisações no ABC.

ORGÃO OFICIAL DO SIND. METALÚRGICOS DA BAIXADA SANTISTA/NOVA FASE/ Nº2/ JUL./AGOS.1978

CORREÇÃO SALARIAL: NOSSO TIME EM CAMPO



“O PATRÃO RECEBE E EU FICO SEM NADA”

Como mudar esse e outros problemas? Juntamo-nos no Sindicato e descobrimos: união e participação são as saídas.

Nós, das oficinas, andamos meio isolados. Talvez esse negócio de ficar muito longe da outra atrapalhe uma participação mais ativa e entrosada junto ao Sindicato. Mas esse é um problema que o Sindicato não pode resolver sozinho. Nós temos grande responsabilidade nisso.

Em um papo que tivemos no Sindicato, entre 5 companheiros, dois deles de manutenção de elevadores, muitos problemas comuns apareceram: não pagamento de horas extras, pagamento errado das folgas, falta de revisão das ferramentas, fora leis como o Fundo de Garantia, que acabou prejudicando os trabalhadores de um modo geral.

José, Jairo, Manoel, José Antônio e Pedro, durante o bate-papo, além de descobrirem problemas comuns, notaram também de onde vem a dificuldade em resolvê-los. A falta de união do pessoal no próprio local de trabalho e nas lutas do Sindicato — “a casa do trabalhador” — dão margem a que as empresas mandem e desmandem sem qualquer reação mais eficaz. Se existem protestos, são de poucos, o que não representa muita coisa quando se quer conseguir uma vitória.

Para resolver essa desunião, que hoje existe mas que pode e deve ser mudada, os cinco propuseram a eleição de delegados sindicais e atuação mais direta do Sindicato junto às oficinas, com a colaboração dos próprios trabalhadores. é claro. A eleição, lembraram nossos companheiros, foi proposta aprovada no I Encontro dos Metalúrgicos da Baixada Santista e já faz parte da Carta de Princípios do Sindicato.

Mas, para que os delegados sindicais, a união da categoria e qualquer outra proposta de atuação direta do Sindicato junto às oficinas se tornem realidade, é preciso que se comece a participar agora. Discutir nos locais de trabalho sobre qualquer problema que afete a um ou a todos companheiros e ter o Sindicato como verdadeiro representante de nossas lutas é



Nas pequenas oficinas o isolamento deve ser quebrado

muito importante hoje. Só assim nossos problemas serão resolvidos.

ELES GANHAM E A GENTE FICA SEM NADA

O bate papo começou com José que foi logo dizendo que não está certo o pessoal das oficinas não receber hora extra, já que o cliente paga mais se o empregado passa do horário. “Se eu me recuso a trabalhar, o cliente vai ficar chateado. O patrão vai achar ruim. Eu então fico depois do horário prá terminar um carro. Bato o ponto. Tá comprovado. Tinha que receber isso. O patrão recebe e eu fico sem nada”.

Enquanto o José falava das horas extras, o Pedro lembrou também que ele é obrigado a trabalhar um domingo por mês mas não pode, depois, folgar durante a semana. “Eu ganho 25 por cento do salário para trabalhar no domingo e trabalho 12 horas. Mas se eu resolver folgar, prá descansar, a empresa me desconta 9 horas do salário. Isso não é justo”.

Também foram criticadas as condições de trabalho. José disse que as ferramentas, na oficina onde trabalha, não tem condições de segurança. Vão ficando velhas e a empresa não se preocupa em substituir a peça velha por uma nova. E Jairo completou:

“Onde eu trabalho a gente tem que improvisar ferramentas para alguns trabalhos, porque as que nós temos às vezes não têm condições de fazer serviços mais delicados. Eu acho que, pelo menos uma vez por ano, as caixas de ferramentas deveriam ser trocadas por novas”.

À QUEM SERVE O FGTS?

“Não é ao trabalhador”, disse Pedro, ao lembrar que os problemas ficam difíceis de serem solucionados também por causa do Fundo de Garantia, que tirou a estabilidade do trabalhador, que agora pode ser demitido por qualquer motivo e a qualquer hora.

“Eu não sou optante — disse Manoel — acho o FGTS uma porcaria. Trouxe, como eu imaginava, o desemprego e o rebaixamento dos salários. Depois do dissídio, a empresa manda embora os empregados e contrata outros, com salários mais baixos”.

“E lembrou José Antonio o Fundo deixou muita gente insegura. O pessoal não reclama e se acomoda por medo de perder o emprego.”

Manoel, porém, acha que o trabalhador que cumpre com os seus deveres com a empresa tem o dever de lutar por seus direitos. “Ele não vai perder o emprego por isso. Ao contrário, será respeitado pela empresa que sabe que o trabalhador conhece seus direitos e tem, a seu lado, o Sindicato.

É NO SINDICATO QUE SE RESOLVE A PARADA

José Antônio voltou a insistir na necessidade de um Delegado Sindical eleito nas empresas. “Se elegezemos um delegado do Sindicato nas empresas, os companheiros teriam mais apoio. Seria o Sindicato dentro da firma. A gente sabe que é no Sindicato que se resolve a parada”.

Para os 5 companheiros, o trabalhador tem o dever, por outro lado, de participar do Sindicato, e através dele, somos valorizados como gente.

“Não adianta nada — disse Manoel — a gente ficar falando mal da firma no bar da esquina. Temos o Sindicato e é lá que devemos falar de nossos problemas. O Departamento Jurídico vai saber dar uma orientação”. Mas, além da orientação, o José lembrou de outras vantagens:

“O Sindicato está ligado à vida do trabalhador. Seja para curar dor de dente ou tentar melhorar o salário. Está sempre lá, ao nosso lado.

Aluno da sexta série do Cemetal, Jairo encerrou o papo: “O Sindicato é mesmo a casa do trabalhador”.

NOSSOS COMPANHEIROS



JOSÉ ANTÔNIO

“Aumento de salário e delegado sindical”, são as reivindicações de José, Antônio, 30 anos, casado, mecânico de caminhões numa oficina, onde trabalha há três meses e ganha 4.800 cruzeiros por mês. Esteve em Iguazu, Itaipu, outras cidades, trabalhando como mecânico de terraplanagem. “Só que não me deixavam ser sócio do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade onde fui contratado. Diziam que meu Sindicato tinha que ser da Construção Civil e do local onde trabalhava temporariamente.”

PEDRO

“Aumento salarial e revogação do Fundo de Garantia”, reivindicou Pedro, 37 anos, casado, pai de 5 filhos. Trabalha há 16 anos como mecânico de manutenção de uma firma de elevadores, onde recebe um salário de 5.230 mensais, por 9 horas diárias de serviço. Pedro gostaria que houvesse um treinamento maior na parte elétrica e aulas de teoria para seus companheiros. “Nós fazemos de tudo, até fiação, mas a mão de obra não é especializada. Assim, não podemos ganhar mais.”



JAIRO

“Aumento salarial de 50%” e o que reivindica Jairo, um garoto de 18 anos, que desde os 12 anos trabalha em oficina. Hoje é empregado de uma oficina, onde, por 9 horas de serviço ganha um salário de 3.800 cruzeiros por mês. Mora com o irmão no Guarujá, desde de que veio, há 4 anos, de Sergipe. Sindicalizado há dois Jairo quer, além do aumento, muita união. “Só unidos poderemos lutar com força”.

JOSÉ

“Reparo das ferramentas” é a reivindicação de José, que quer maior segurança no serviço. Solteiro, 31 anos, baiano, há 13 anos em baixada, trabalha como mecânico numa oficina de autos, onde ganha 4.100 cruzeiros. Morador do Guarujá, José acha que as oficinas estão muito isoladas. “O Sindicato deveria fazer um levantamento de todas as oficinas registradas, ir até elas, se apresentar e incentivar a turma a participar”.



MANOEL

“O mesmo aumento dado no ABC após as paralisações” é a reivindicação de Manoel, 52 anos, um “coringa” de uma fábrica de elevadores com a matriz em São Bernardo. Casado, pai de 2 filhos, Manoel trabalha há 24 anos na mesma firma, onde hoje faz montagem, manutenção e até cobrança. recebendo um salário de 7.520 cruzeiros. Em sua opinião “todo trabalhador deve cumprir com seus deveres e lutar por seus direitos”.

NOSSA OPINIÃO

É HORA DE CORREÇÃO

O nosso Sindicato comemora este mês, 45 anos de fundação. Mais um aniversário da luta empreendida por Aristides Farinazzo e seus companheiros, que nos idos de 1933, enfrentando todas as dificuldades da época, conseguiram unir os metalúrgicos da Baixada Santista no Sindicato dos Operários Metalúrgicos de Santos. E, desde então, o nosso Sindicato tem pautado sua atuação pelo objetivo primeiro que é REIVINDICAR. O Sindicato é luta, é sacrifício. Nossos objetivos não são atingidos facilmente. Nunca foram.

Ao analisarmos nossa história, verificamos com orgulho que desde sua fundação, nosso Sindicato sempre esteve em posição de destaque. O Sindicato nunca se omitiu quando o interesse da classe trabalhadora esteve em jogo.

E esta é sua verdadeira função. Nossa categoria, com exemplos em todo o Mundo, é a vanguarda das conquistas operárias. Fatos recentes comprovam essa afirmativa: as greves do ABC. A política salarial imposta em 1965, com seu caráter desumano e discriminatório, foi contestada e está sendo vencida com as greves iniciadas pelos metalúrgicos do ABC.

Aqueles trabalhadores fizeram a história. Sim, porque há muito tempo não havia paralisações que chamassem a atenção da opinião pública para os problemas da classe trabalhadora. A greve, que deveria ser um fato normal na vida do trabalhador, estava meio esquecida. Mas os companheiros do ABC demonstraram que os trabalhadores sabem o que querem. Em ordem, pacificamente, paralisaram o trabalho, só retornando quando suas reivindicações foram atendidas.

Usando a imaginação criadora, pegaram de surpresa os seus patrões e com as máquinas paradas, a negociação foi feita em nível de igualdade. Daí as vitórias alcançadas por eles. Até abril do próximo ano, seus salários serão reajustados a cada dois meses. Mas o passo dado pelos companheiros do ABC, que já serviu de exemplo para trabalhadores de São Paulo, Osasco, Campinas e Guarulhos, é apenas uma etapa. Novas lutas virão e os trabalhadores precisarão estar preparados.

A organização nas fábricas é fator fundamental para que se consiga vitórias. Aqui na Baixada Santista, por exemplo estamos iniciando a Campanha pela Correção Salarial. Quanto está valendo nosso salário hoje? Quanto ele já perdeu desde o último reajuste? O DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) está fazendo um estudo sobre o nosso prejuízo. E o índice que for encontrado, será aquele pelo qual iremos lutar.

Os cosipanos e os demais metalúrgicos da Baixada estarão então irmanados no mesmo objetivo. A vitória que alcançaremos por certo será a melhor forma de comemorarmos mais um aniversário de nosso Sindicato.



ECONOMIA DO POVO



PRODUÇÃO E PREÇOS SUBIRAM. OS NOSSOS SALÁRIOS NÃO!

Ao examinar de quanto deve ser o reajuste salarial a ser obtido em junho, o trabalhador deve verificar não apenas de quanto aumentaram os preços mas também de quanto aumentou a sua contribuição para o aumento da produtividade da empresa. Em relação aos preços, de maio do ano passado até maio deste ano, o aumento do custo de vida para a família assalariada em São Paulo, segundo o DIEESE, foi de 33,85 por cento, ou seja, nosso dinheiro compra bem menos do que há um ano.

Os aumentos nos preços das coisas essenciais (alimentação) e serviços (transporte e aluguel de casa, por exemplo, comprados pelos trabalhadores continuam ocorrendo com uma frequência maior do que os aumentos nos salários, ainda que o ritmo de aumento de preços não tenha se agravado nos primeiros meses deste ano.

Os preços de diversos bens essenciais, tais como aqueles que compoem a ração mínima necessária para alimentar uma família de 2 adultos e 2 crianças, aumentaram 27,4 por cento entre maio de 77 e maio último. Assim, para comprar 6 quilos de carne, 7,5 litros de leite, 4,5 quilos de feijão, 3 quilos de arroz, 1,5 quilo de farinha de trigo, 6 quilos de batata, 9 quilos de tomate, 6 quilos de pão, 600 gramas de café, 7 dúzias e meia de banana, 3 quilos de açúcar, 750 gramas de banha e 750 gramas de manteiga seriam necessários 575 cruzeiros em maio do ano passado. Para comprar a mesma quantidade desses alimentos em maio de 1978 eram necessários 717 cruzeiros.

Alguns índices aumentaram mais do que 34 por cento: os de educação e cultura subiram 47,7 por cento e os relacionados com a habitação 43,2 por

cento. Outros aumentaram menos do que a média: os alimentos subiram 30 por cento, vestuário 25 por cento, transporte 32 por cento, recreação e fumo 29 por cento, saúde 30 por cento. Outros, tais como equipamento doméstico e materiais de limpeza, tiveram aumentos de preços semelhantes à média.

REAJUSTE DEVE ACOMPANHAR AUMENTO

Diante desses aumentos, o poder de compra dos salários que haviam sido ajustados em junho de 1977, por exemplo, sofreram uma diminuição. Importante seria tentar obter reajustes tão frequentes quanto a elevação dos preços.

Como já vimos, o reajuste não deve apenas acompanhar o aumento dos preços mas também os lucros da empresa alcançados com o aumento da produção. Normalmente, com melhores máquinas e equipamentos e com maior experiência adquirida, aumenta a quantidade de produção por cada trabalhador nas empresas de um ano para outro. E de tal aumento da produção também deve se beneficiar o trabalhador.

Não é fácil estimar-se de quanto foi o aumento de produtividade. Isto deve ser estudado no âmbito de cada setor e de cada empresa. Todavia, o que deve ser ressaltado, é que os aumentos salariais devem levar em conta não apenas a recomposição do poder aquisitivo médio dos salários no último período mas também a parcela de ganho na produtividade. Ademais, há que se considerar os reajustes inadequados havidos no passado, em consequência da manipulação dos índices em 1973.

A situação mudou. Conquista-se o direito de greve.

LULA:

É mais fácil negociar com máquina parada

Como Luis Inácio da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, viu as greves do ABC? Eis sua opinião, em entrevista concedida à Julio de Gramont, da Folha de São Paulo, que reproduzimos aqui.

As greves começaram no dia 15 de maio, na Saab-Scânia, em São Bernardo. Até aí, muitos achavam impossível manter uma paralisação dentro da legislação vigente. Mas no dia seguinte, a greve tomava toda a Ford - 9.500 companheiros - expandindo-se rapidamente por todo o ABC. Hoje, milhares de trabalhadores de São Paulo, Guarulhos, e Osasco também pararam suas máquinas. A reivindicação: aumento salarial em torno de 20%.

Lula - Nós não podemos dar um caráter anormal ao que aconteceu. A greve foi um ato normal. Foi uma manifestação de classe trabalhadora, que nada mais fez, que pura e simplesmente, mostrar que ela existe, que é parte viva da Nação, e como consequência disso, ela tem que ser respeitada.

Pergunta - Mesmo considerada ilegal, você a considerou normal?

Lula - Mesmo assim eu a considero normal, porque ela foi legítima. Talvez por falta de hábito muita gente viu a greve como um negócio anormal, fantástico. Na verdade, foi uma manifestação de uma classe, que tem como arma nas negociações, como força de barganha, a greve. O fato de ela ter sido julgada ilegal já perdeu o valor porque o trabalhador a tornou legal a partir do momento em que a praticou.

Pergunta - Você disse várias vezes que "chegarà o momento em que a classe trabalhadora medirá forças com a classe empresarial". Este movimento deu provas disto?

Lula - A única maneira do trabalhador medir forças com a classe empresarial é com a paralisação. Eu que mantive contato com vários empresários senti a diferença do comportamento deles, antes e depois da greve: é muito mais fácil negociar com os empresários com as máquinas paradas.

Pergunta - O que achou do comportamento dos trabalhadores dentro das fábricas, durante a greve?

Lula - O trabalhador deu boa demonstração de que greve não é baderna, deixando todo mundo perplexo. Mostrou que a greve é um direito dele. O trabalhador deu uma demonstração de maturidade, parando sem fazer estrago algum.

Pergunta - O Sindicato esperava por estas greves?

Lula - Não é de hoje que eu venho falando que as paralisações iriam acontecer. Apesar de o Sindicato não ter decretado a greve, ele procurou levar mensagens ao trabalhador, fazendo com que ele sentisse a necessidade de chegar a paralisações.

nia começaram. Eu não sei porque a grande imprensa não falou com ênfase da Ford. Eu acredito até que foi pelo fato de o Sindicato e nem a empresa se envolverem de imediato nos problemas dos trabalhadores, mesmo porque, os operários da Ford estavam muito conscientes do que estavam fazendo. A empresa tentou fazer pressão para o trabalhador voltar a trabalhar e não conseguiu. A Volks, onde só os ferramenteiros pararam, chamou mais a atenção da imprensa do que o pessoal da Ford. Na Volks houve muito mais atritos entre os trabalhadores e a empresa. Greve é uma coisa muito simples de fazer, é só desligar as máquinas, sem provocar ou obrigar a presença da polícia. Do jeito que os trabalhadores da Ford e da Scânia se comportaram eu estava tranquilo que ninguém iria botar as mãos neles.



A greve é o poder de barganha do trabalhador

Pergunta - Quais as formas de atuação do Sindicato na greve?

Lula - São as que São Bernardo usou. Todas as vezes em que o trabalhador precisou do Sindicato ele compareceu, negociando em nome do trabalhador. Por outro lado, acho que nós precisamos deixar de apenas criticar a estrutura sindical. Devemos partir para fazer as coisas. O trabalhador deu o exemplo de que é preciso parar de fazer suposições e partir para a ação. E foi o que ele fez. Se o trabalhador ficasse estudando a lei de greve, jamais faria greve.

Pergunta - Quais os vínculos do Sindicato com os trabalhadores?

Lula - Eu acho que a base é o Sindicato. O Sindicato nada mais é do que a classe trabalhadora. Esta base é que faz o sindicalismo ser bom e atuante. O que a diretoria deve fazer é coordenar a atuação de suas bases, com as propostas nascidas dos próprios trabalhadores.

Pergunta - Para você a greve não foi surpresa. É a sua duração?

Lula - Os trabalhadores da Ford que ficaram 7 dias parados, deram uma sequência ao que os companheiros da Scâ-

nia começaram. Eu não sei porque a grande imprensa não falou com ênfase da Ford. Eu acredito até que foi pelo fato de o Sindicato e nem a empresa se envolverem de imediato nos problemas dos trabalhadores, mesmo porque, os operários da Ford estavam muito conscientes do que estavam fazendo. A empresa tentou fazer pressão para o trabalhador voltar a trabalhar e não conseguiu. A Volks, onde só os ferramenteiros pararam, chamou mais a atenção da imprensa do que o pessoal da Ford. Na Volks houve muito mais atritos entre os trabalhadores e a empresa. Greve é uma coisa muito simples de fazer, é só desligar as máquinas, sem provocar ou obrigar a presença da polícia. Do jeito que os trabalhadores da Ford e da Scânia se comportaram eu estava tranquilo que ninguém iria botar as mãos neles.

Pergunta - Na sua opinião, o movimento foi completamente vitorioso?

Lula - Não. Seria utopia de minha parte dizer que foi uma vitória completa, mesmo porque não foi uma greve de toda a categoria.

Pergunta - Poderia ter sido?

Lula - Poderia ter sido. O que atrapalhou foi o cerceamento do rádio e da televisão. O trabalhador escuta muito rádio. Vê muito mais televisão do que lê jornais. Eu diria que foi uma vitória razoável para os trabalhadores que resolveram parar para conseguir alguma coisa. Em termos de abertura da política sindical foi uma grande vitória. Significou sentar à mesa de negociações com os patrões e eles, depois de muito tempo, assinaram um acordo, quebrando uma barreira da política salarial do governo.

Pergunta - Qual foi o comportamento dos empresários desde o começo da greve?

Lula - Os empresários, tanto nacionais como os das multinacionais, continuaram intransigentes como sempre foram. Mesmo com máquinas paradas.

Pergunta - Como você compara o nível de organização dos empresários com o nível de organização dos trabalhadores?

Lula - Eu acho que os empresários estão muito mais organizados. Aliás, como sempre estiveram. Podem ser concorrentes ou divergentes entre si, mas na hora de brigar com a classe trabalhadora, o empresário está muito unido. Com este movimento, a classe trabalhadora mostrou o que quer. E quando a classe trabalhadora estiver preparada para parar em conjunto, ela não vai ter chance de parar porque os patrões irão negociar normalmente e não vão pagar para ver.

Pergunta - Você recebeu apoio de Sindicatos até do exterior. Que tipo de apoio recebeu de Sindicatos do Brasil?

Lula - De Sindicatos de base nós recebemos bastante apoio. Mas de federações e confederações não houve nenhum. Quando muito, disseram que a greve era ilegal.

Pergunta - Com a experiência que o Sindicato de São Bernardo adquiriu nos dois últimos anos, você acha possível a realização de uma Convenção Coletiva para o ano que vem?

Lula - Nós vamos preparar a classe trabalhadora para isso. Nós temos que preparar a classe trabalhadora, se necessário for, até parar as máquinas na época dos reajustes salariais. Vai depender do bom senso da classe empresarial. É possível chegar a uma convenção sem precisar disso.

Pergunta - Como você viu o comportamento do governo durante as greves?

Lula - Eu achei que o governo tomou posição política boa, salvo as notas dos ministérios da Justiça e do Trabalho e alguns pronunciamentos de que a greve era ilegal. O governo praticamente não interferiu. Foi uma posição acertada, deixar que o trabalhador e o empregador resolvessem os seus problemas.

No fim deste mês, no Rio, o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores

CNTI:

Em busca da união

Será uma semana em que cerca de 6 mil trabalhadores, de alguma forma, discutirão seus problemas. O Congresso é uma das raras oportunidades que temos de saber tudo que acontece na vida sindical das várias regiões do Brasil e também o momento de propormos algumas medidas comuns. Os metalúrgicos da Baixada Santista estarão lá com as resoluções do I Encontro.

Entre os dias 24 e 29 próximo, no Rio de Janeiro, vai ser realizado o Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias - CNTI. Nosso Sindicato estará participando por entender que esse é um dos momentos em que trabalhadores de todo Brasil estarão reunidos para trocarem experiências e procurarem soluções para os problemas comuns. Estaremos lá para encaminhar a outros companheiros as resoluções do I.º Encontro do Metalúrgico da Baixada Santista.

A importância do Congresso, segundo Arnaldo Gonçalves, presidente do Sindicato, é que ele possibilita a rara oportunidade de se mostrar o trabalho sindical que é feito nas diferentes regiões do Brasil e as dificuldades que os trabalhadores encontram para levar à diante suas reivindicações.

A principal resolução que se poderia tirar, nesses dias de discussão no Rio, seria uma linha comum de atuação dos Sindicatos. Como disse Arnaldo: "O importante é no final do Congresso todos os sindicatos sentirem a necessidade de encaminhamento comum para os problemas comuns que os trabalhadores atualmente enfrentam".

ESTRUTURA SINDICAL

Já no I.º Encontro da Baixada Santista, viu-se a importância para levar-se à diante nossas lutas. Hoje é fundamental que os sindicatos tomem consciência da necessidade do trabalho de base, ou seja, eles devem dedicar-se à organização de sua categoria da maneira mais ampla possível a assim permitir e incrementar a participação de todos.

Muito se fala da mudança da estrutura sindical e todos nós sabemos que ela, do jeito que está hoje, não atende às reais necessidades dos trabalhadores. Só pedir uma mudança dessa estrutura, pouco adianta. É necessário que exista um trabalho de base que nos fortaleça como um todo. A partir dessa união a estrutura perde a força para nós. Segundo Arnaldo, se a mudança vier sem a participação dos trabalhadores tudo que foi modificado vai ser no sentido de manter as leis trabalhistas dentro de um esquema que interessa ao sistema que nos governa e não a nós.

ORGANIZAÇÃO E SEGURANÇA

Uma das formas de se unir os sindicatos às bases é a criação dos delegados sindicais. Estes seriam eleitos diretamente por seus companheiros dentro das várias empresas. Enquanto não houver a consciência da necessidade do delegado organizado junto com o sindicato, nós esta-

remos mais fracos. O próprio Arnaldo acha que a segurança do trabalhador é a organização dele.

A partir da eleição do delegado sindical pode-se ter também as comissões por empresas. Com a existência dessas comissões, os sindicatos no Brasil estariam melhor estruturados porque as irregularidades nos locais de trabalho, bem como as necessidades específicas do trabalhador, seriam comunicada imediatamente ao respectivo órgão de classe.

É claro que, durante o Congresso no Rio, teremos que tomar conhecimento de todo tipo de dificuldade que os vários sindicatos enfrentam e só depois disso será possível ver formas de encaminhamento para as soluções. Os grandes centros exigem formas de organização diferentes de pequenas concentrações, assim como algumas categorias são muito dispersas e necessitam de formas próprias para o encaminhamento de suas lutas.

Quando uma área é muito grande, por exemplo, os vários delegados sindicais de uma fábrica podem discutir com mais conhecimento de causa tudo que envolve a atividade dos trabalhadores em questão. Por isso é que existem mecanismos que para algumas categorias são eficientes e para outras não. O essencial nisso tudo é que exista a preocupação primeira de se trabalhar com as bases das várias categorias. Só os trabalhadores juntos é que dão a força para sua digna representação.

ANISTIA

Durante o CNTI haverá necessidade de que todos os trabalhadores lembrem-se daqueles dirigentes sindicais que foram afastados de nossa luta por atos de exceção e discutam uma forma para que eles voltem ao convívio comum pela busca de nossos direitos. A anistia deve existir para que pessoas como Marcelo Gato, ex-presidente do nosso Sindicato e deputado cassado em '76, voltem a dar sua contribuição à luta do trabalhador.

No total, uns 5 mil dirigentes sindicais foram drasticamente afastados de sua atividade. Mais recentemente outros casos somaram-se à série de injustiças cometidas em cima dos trabalhadores. No Congresso do Rio de Janeiro, será também o momento de se dar um chega a essa situação que prejudica aqueles que mais trabalham pelo progresso do Brasil.

O atual projeto de reformas, elaborado pelo Governo, pretende instituir uma fórmula para que os cassados voltem à atividade política. Mas nada diz em relação aos trabalhadores afastados da vida sindical até por portarias ministeriais. Eles foram punidos perpetuamente, pois até o AI-5 prevê um prazo para a volta desses injustiçados, o que não acontece na ativi-

dade sindical. Precisamos nos preocupar também, a luta pela anistia nos interessa diretamente.

AUTONOMIA E DEMOCRACIA

A desvinculação dos sindicatos do Ministério do Trabalho, de forma que permita autonomia plena, é uma das maneiras de se brigar pela ampla participação dos trabalhadores na vida nacional. Estamos constantemente sujeitos às restrições impostas pela legislação e isso nos leva à forçosa omissão nos momentos em que nossos interesses estão em jogo.

O trabalhador deve participar a todo instante, sem restrições, das decisões da vida do País. Para que ele seja ouvido, é necessária a implantação de um ambiente democrático, ou seja, para que possamos impor nossas justas reivindicações é obrigatória a existência de um regime aberto e livre. Segundo Arnaldo, no Congresso deve-se também discutir uma forma de ampliar a participação do trabalhador na vida pública e assim efetivarmos a satisfação de nossas reais necessidades.

TESES

Os metalúrgicos da Baixada Santista estarão presentes no Rio de Janeiro através das propostas aprovadas no I.º Encontro. Foi a partir de nossas discussões que o Sindicato elaborou uma série de sugestões e as encaminhou aos organizadores do Congresso.

Tendo em vista o fortalecimento dos trabalhadores e a instalação de uma nova ordem sindical, propusemos algumas medidas para serem votadas. Na parte de *Organização Sindical*, fomos a favor de delegados sindicais eleitos diretamente pelos companheiros e posterior formação de comissões por empresas, como ficou acertado no Encontro, além, é claro, de lutar pelo exercício amplo e irrestrito de greve.

Propusemos também algumas sugestões no campo do *Direito do Trabalho*: negociações diretas entre trabalhadores e empregadores; impedimento de demissão sem que fique comprovada a razão junto ao Sindicato do trabalhador; e também a criação de comissões paritárias que discutiriam as questões surgidas no relacionamento trabalhador/empresa. Em relação à *Justiça do Trabalho*, fizemos duas propostas essenciais: que o representante na Justiça do Trabalho (vogal) seja eleito junto com as chapas concorrentes à diretoria dos sindicatos e que não mais exista a remuneração pela função; a outra sugestão é para que, no momento, a Justiça do Trabalho faça o controle das eleições sindicais.

Bem, essas propostas já foram encaminhadas para serem votadas no Congresso. Daí achamos importante a participação do maior número possível de trabalhadores e seus dirigentes sindicais para dar mais passos e conquistar mais vitórias. Esperamos que na última semana deste mês de julho, no Rio de Janeiro, mais de 6 mil pessoas discutam nossos verdadeiros interesses. É importante participar.



GATO MANDA VER NA PREVIDÊNCIA

O ex-presidente do Sindicato, Marcelo Gato, partiu para facilitar as coisas sobre Previdência. Fez um livro e desenrolou o assunto. Agora todos vão entender.

O ex-presidente do nosso Sindicato, Marcelo Gato, há um ano que vem trabalhando num livro que conta tudo sobre as leis que regulam a Previdência Social no Brasil.

Falou em "lei", "regulamento", "previdência social", a maioria das pessoas já vai logo virando a página porque o assunto é sempre complicado e escrito de um jeito cacête que ninguém entende mesmo. Até parece que existe um "plano" para embananar o pessoal e fazer com que esses temas não criem interesse entre os trabalhadores: os que realmente precisam ficar por dentro do seu conhecimento.

A maior parte dos livros que existem por aí tratando desse assunto são escritos como o Coutinho da Seleção (será que continua?) costuma falar: tudo complicado, palavras difíceis, um jeito de "doutor" como se quisesse humilhar a torcida. Mas gol mesmo que é bom...

Pois bem. Marcelo Gato quebrou a cabeça durante esse um ano e meio, trabalhou duro, leu e estudou dezenas de livros e acaba de entregar à gráfica uma Cartilha sobre a Previdência Social escrita de uma maneira que todos vão entender o que é a coisa, como ela veio se desenvolvendo ao longo do tempo e quais são os direitos que os trabalhadores têm. E, sobretudo, como é que esses direitos foram conquistados porque nada foi concedido de mão beijada.

Melhor que ficar falando sobre as virtudes do trabalho realizado por Marcelo Gato é mostrar um trecho da Cartilha que estará em todas as livrarias a partir de agosto. Vamos lá:

- Podemos começar?
- Manda brasa, Paminondas.
- Vamos começar o nosso Cursinho

Elementar das Leis de Previdência Social falando um pouco sobre a história da previdência em nosso país.

- Ah, isso é muito bom. Sou ligado nessas transas.

- Conhecendo a história ajuda a gente a compreender melhor as coisas. né?

- Oh, se ajuda, meu prezado. Ajuda muito.

- Tem, de cara, uma coisa que é muito importante compreender. É fundamental. É que é a luta reivindicatória dos trabalhadores que faz nascer e que faz com que se desenvolva a previdência social. A história das leis trabalhistas, a história da legislação social de um modo geral, é a própria história da organização da classe tra-

balhadora e da sua mobilização nas suas entidades representativas e nas suas entidades de classe. Quanto maior é a capacidade de mobilização e de luta dos trabalhadores, maiores são as conquistas e o progresso das condições de vida e de trabalho.

- Posso castigar?

- Rasga de bico, Bão de Trova.

Quem trabalha, portanto, que abra as vistas, e lute se quiser conquistas.

Do céu num pense que vai descer, que conquista num é chuva nem temporal.

Se ficar parado, vai ficar no padecer, vai sofrer tudo quanto é mal.

Tem que reivindicar uma longa lista, tem que lutar.



CEMETAL, A ESCOLA DO TRABALHADOR

Feito para nós, no Cemetel a ordem é participar. De tudo

O CEMETAL é a escola do nosso Sindicato, isto é, a escola que o Sindicato criou para preencher o vazio que existe na forma de ensino tradicional. Esse vazio no ensino acontece por não existirem escolas que atendam a real necessidade do

trabalhador metalúrgico, seja por deficiência do sistema de ensino, seja pelo interesse comercial das escolas que oferecem cursos muito caros.

A maioria dos alunos do CEMETAL acha que a principal vantagem de estudar

na escola do Sindicato é ela se adaptar aos horários que o trabalhador está sujeito tanto na COSIPA como nas oficinas. É a única escola que funciona em regime de turno para acompanhar o horário de serviço. Sobre as vantagens de estudar na nossa escola, três companheiros nossos conversaram com a gente: Adilson Antônio de Menezes, que trabalha no Departamento de Alto-Forno da COSIPA; Waldomiro Pinto, também da COSIPA só que da Fundação; e o companheiro Arlindo Florentino da Silva, o único mineiro que tem como apelido "Paraná" e trabalha na retífica Bartel.

TODO MUNDO IGUAL

Uma das coisas que Adilson mais admira no CEMETAL é o fato de lá não existir diferença entre os alunos e os professores:

- Lá não tem aquele negócio da pessoa chegar e dizer "eu sou professor". O relacionamento é de igual para igual prá todo mundo.

Adilson ficou cinco anos sem estudar e, depois de entrar na COSIPA, no ano passado, logo em seguida procurou o Sindicato e viu que podia estudar na nossa escola. Hoje está fazendo o supletivo de primeiro grau e agora em agosto vai fazer o exame. Se passar, pretende continuar o estudo e, como chegou a dizer, "talvez fazer um curso técnico de desenho, que gosto muito, e quem sabe posso melhorar de situação".

Senão, aqui ó, que tem conquista!

- É isso aí. Falou tudo meu prezado.

- Muito bem. A fim de facilitar o estudo, a gente costuma dividir a história da previdência social brasileira em cinco períodos. O critério que usamos retalha o desenvolvimento de acordo com as características que a previdência assumiu em cada época. Tá entendido?

- Bola prá frente que até aí tá moleza.

- Pura questão de didática. Sacaram, meus prezados?

- O primeiro período da história da previdência é, logicamente, o que abrange o seu nascimento, a sua criação em nosso país. Esse período começa ainda no Brasil Império e se prolonga, já no Brasil República, até os primeiros anos do século atual. As primeiras leis previdenciárias surgiram em 1888 e 1889 criando as Caixas de Socorros dos trabalhadores das ferrovias, o Montepio dos Funcionários dos Correios e o Fundo de Pensões para os Trabalhadores das Oficinas de Imprensa Régia.

- Esse trem é bem mais antigo do que eu pensava, pô.

- É... vai ver que o Candinho viu isso tudo de perto.

- Ah é, Maneco? Tá querendo esculhambar, heim, meu prezado?

- Num vamos exagerar, companheiro. O Candinho já trocou muita meia sola mas também não é tanto assim, né?

- Que que há, Paminondas? Vê se se manca, pô! Tá queimando óleo sessenta e vem querer tirar sarro de mim?

- Deixa prá lá! A principal característica da fase inicial da previdência brasileira é que ela se voltava, praticamente, apenas para os funcionários públicos.

- Quem não era funcionário público, então, ficava de fora?

E vai por aí afora. Quem é que não lê assim? O livro, como já foi dito, estará nas livrarias em agosto. Quem não acordar cedo fica chupando o dedo. Ah! tem mais: a segunda edição vai ser toda ilustrada pelo Henfil. Coisa papa fina.



NA COMEMORAÇÃO DOS 45 ANOS, A LUTA

Para o aniversário, a mensagem do Fundador do Sindicato: "união e força"

Dia 23 de julho, nosso sindicato completa 45 anos de existência.

E, no entanto, não haverá festa.

A razão é muito simples: estamos em lutas por melhores salários para nossa categoria de metalúrgicos na Baixada Santista. Estamos nos preparando para a campanha salarial deste ano onde a desvalorização do nosso ordenado — engolido pela alta do custo de vida — seja compensada por um reajuste de verdade. Não podemos comemorar nada até conseguir um aumento de verdade.

Há 14 anos nossos salários são estrangulados por uma política de arrocho. Há anos que o Sindicato não consegue nada além dos índices aprovados pelo Governo. Há anos que os metalúrgicos da Baixada são obrigados a engolir um reajuste que não corresponde à realidade da inflação e da nossa produtividade nas oficinas e na Cosipa.

Não haverá festa este ano para comemorar nosso aniversário.

Somos um Sindicato com um dos maiores índices de sindicalização do mundo — cerca de 60%. Somos um sindicato com uma sede à altura dos seus associados — sede construída com o sacrifício de toda a categoria. Somos um Sindicato que oferece um bom atendimento médico e dentário, apesar de acharmos que esse tipo de serviço deve ser de responsabilidade do INPS porque Sindicato não pode ser extensão da previdência social. Somos um Sindicato que funciona e que tem uma história de lutas desde a época em que a Baixada quase não tinha indústrias de porte.

E porque queremos comemorar vitórias de verdade: porque queremos continuar fiéis às nossas tradições de entidade autêntica e batalhadora e porque não queremos iludir ninguém, exatamente por isso, comunicamos que este ano não há festa de aniversário.

A nossa comemoração será na luta por salários dignos de seres humanos que trabalham e produzem todos os dias. A nossa comemoração será lembrando nossas raízes. E por isso, queremos entregar, ao conhecimento de cada um dos companheiros, uma entrevista com Aristides Farinazzo, o fundador do nosso Sindicato em 1933. Aos 74 anos, continua trabalhando como torneiro mecânico na oficina Katmar, de reparos navais. Seu depoimento é a nossa festa e, sobretudo, um exemplo de luta para cada um de nós.

COMO COMEÇOU

— O que lhe deu na telha de, naquela época, fundar um sindicato?

JORNAL DO METALÚRGICO

Órgão Oficial do Sindicato dos Metalúrgicos da Baixada Santista — Av. Ana Costa, 55/57 — Fones: 34-7231 — 32-4519. **Jornalista Responsável:** Ricardo de Carvalho. **Redação:** Loudes Fernandes, Luciano Delion, Pola Galé, Sérgio Gomes, Violeta Marien de Almeida, Wanda Martin. **Ilustração:** Laerte Coutinho. **Diagramação:** Alfredo Nastari. **Composição e Montagem:** Editora Jornalística CRIART Ltda. — Rua do Carmo, 56 - 2.º andar - Sala 24 - Fone: 35-1427. **Impressão:** Jornal Paulista — R. Oscar Cintra Gordinho, 46-S.P.



Tudo começou com algumas folhas de papel almaço para recolher assinaturas. Depois veio a primeira sede improvisada numa sala da esquina das ruas São Francisco e Bittencout. Mas não demorou muito para que os metalúrgicos tivessem casa própria. A sede da rua Constituição foi o início de nosso crescimento. Hoje crescemos tanto na sede como nas conquistas.

— Eu ouvia muito falar de sindicato pra lá, sindicato pra cá até que um dia, conversando com minha esposa eu disse: "Olha, vou formar o sindicato dos metalúrgicos". Ela então me disse: "Você vai procurar dor de cabeça com isso, hein?". "Eu respondi: "Não faz mal. Vou formar o sindicato". Aí comprei 4 folhas de papel almaço, preenchi, distribuí uma para o pessoal da União Transportes, outra para a Artigos Matarazzo, uma para o Cunha da rua Tereza Cristino e outra ficou comigo que trabalhava na Mecânica Fonseca.

— Como é que funcionavam essas listas?

— A pessoa punha o nome no abaixo assinado. Precisava de 30 pessoas para adquirir o número legal e assim formar o Sindicato. Consegui 35 em 10 dias.

— O que os patrões acharam do Sindicato naquela época?

— Eles me proibiram de trabalhar em

Santos. Mas eu continuei a trabalhar, continuei em Santos, não abandonei. Continuei na Fonseca. Eu trabalho desde os 10 anos de idade.

— O senhor poderia citar algum exemplo de pressão sobre sua atividade como presidente do Sindicato, entre 1933 e 1937?

— Um dia fui à Delegacia do Trabalho. O titular era o falecido doutor Jordão Magalhães, e eu fui lá para abrir um inquérito contra um patrão de Itariri que havia espancado um operário sócio do Sindicato. Fiquei na delegacia das 6 às 11 horas da noite esperando o delegado. Quando ele chegou, me perguntou assim: "O que você é dele?". Eu disse: "Eu sou presidente do Sindicato e venho prestar assistência ao meu associado". Ele então gritou: "Ponha-se lá fora, seu cachorro!" Veja como eles tratavam a gente! Aí ele pegou um guarda civil e me pôs lá fora na rua. No dia seguinte, eu fui à Delegacia do



Farinazzo foi um fundador do Sindicato. Trabalha até hoje.



Trabalho aqui de Santos, falar com o chefe e expor a situação. Então ele me disse: "Tenha calma Aristides. O Presidente da República já reconheceu a existência do Sindicato mas ele não tem autonomia ainda para agir diretamente.

— Como é que é isso?

— É... o Sindicato estava autorizado mas não tinha força. Não tinha autonomia para tratar dos assuntos.

— Como é que era o aumento de salário naquela época?

— Era de acordo com a vontade do patrão. Não tinha essa pressão de aumento. O patrão pagava conforme queria, não é?

— Quantos sócios o Sindicato tinha quando o senhor deixou de ser presidente em 37?

— Tinha uns 80 ou 90 sócios. Pagavam três mil réis por mês.

— O que o senhor tem, hoje, depois de 64 anos de trabalho?

— Tenho uma casa onde moro. Eu e as minhas netas.

— Quanto o senhor recebe de aposentadoria?

— Agora vou para dois mil cruzeiros.

— Qual é a sensação que o senhor tem de ver o Sindicato, fundado por suas mãos, com milhares e milhares de associados?

— Estou satisfeito porque estou vendo que eles estão seguindo o que planejei.

— Na sua opinião o que deveria ser feito para melhorar a vida de todos os trabalhadores do Brasil?

— Devia ter uma reunião do Presidente da República com os Ministros para que eles, quando viesse o aumento do salário, não permitissem que o comércio aumentasse o preço das mercadorias.

— Quanto o senhor ganha por hora aqui nesta firma?

— Estou com 22 cruzeiros por hora.

Qual foi a época em que o nosso Sindicato realmente mais falou pelo trabalhador?

— Não é para puxar o saco — porque isso não interessa — mas eu acho que é essa diretoria que está trabalhando hoje.

— Qual a mensagem que o senhor deseja mandar aos seus companheiros metalúrgicos no momento em que o Sindicato comemora 45 anos de vida?

— Que todos estejam unidos e que dêem força à diretoria para ela poder trabalhar e reivindicar coisas melhores para todos os operários.

Zé Protesto

E A CORREÇÃO SALARIAL.

